

## A FICÇÃO HISTÓRICA NA LITERATURA AFRO-LATINA: DECOLONIALIDADE, MEMÓRIA E IDENTIDADE EM *CACHORRO VELHO*, DE TERESA CÁRDENAS

### HISTORICAL FICTION IN AFRO-LATIN LITERATURE: DECOLONIALITY, MEMORY, AND IDENTITY IN *CACHORRO VELHO*, BY TERESA CÁRDENAS

Recebido: 24/04/2025 Aprovado: 19/05/2025 Publicado: 31/07/2025  
DOI: 10.18817/rlj.v9i1.4108

Rayanne Soares da Paz<sup>1</sup>  
Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0001-9769-1466>

**RESUMO:** Este artigo analisa a obra *Cachorro Velho* (2010), da escritora cubana Teresa Cárdenas, à luz da teoria da ficção histórica e dos estudos decoloniais. A partir da perspectiva crítica da literatura Latino-americana, juntamente com outros teóricos que dialogam com essa temática, busca-se evidenciar como a narrativa de Cárdenas ressignifica memórias silenciadas da escravidão por meio da ficção. A pesquisa articula três eixos: uma revisão teórica da ficção histórica com enfoque em seu potencial educativo; o papel da escrita de mulheres negras como instrumento de denúncia e afirmação identitária; e a leitura da obra *Cachorro Velho*, destacando os diversos temas histórico/culturais que emergem da experiência do protagonista. Assim, a ficção histórica é compreendida como uma ferramenta de resistência, memória e reconstrução de identidades afrodescendentes na América Latina.

**Palavras-chave:** Ficção histórica; Literatura escrita por mulheres; Perspectiva decolonial; Afro-latino-americana; Teresa Cárdenas.

#### ABSTRACT:

This article analyzes the work *Cachorro Velho* (2010), by Cuban writer Teresa Cárdenas, through the lens of historical fiction theory and decolonial studies. From the critical perspective of Latin American literature, together with other theorists who engage with this theme, the aim is to highlight how Cárdenas's narrative re-signifies silenced memories of slavery through fiction. The research articulates three axes: a theoretical review of historical fiction with a focus on its educational potential; the role of Black women's writing as a tool of denunciation and identity affirmation; and the reading of *Cachorro Velho*, emphasizing the various historical and cultural themes that emerge from the protagonist's experience. Thus, historical fiction is understood as a tool of resistance, memory, and the reconstruction of Afro-descendant identities in Latin America.

**Keywords:** Historical fiction; Literature written by women; Decolonial perspective; Afro-Latin American; Teresa Cárdenas.

#### Considerações iniciais

---

<sup>1</sup> Mestranda em Letras (Literatura e Práticas Culturais) pela Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). Integrante do grupo de pesquisa "Núcleo de Estudos Literários e Culturais" na linha de pesquisa "Literatura e Estudos Regionais, Culturais e Interculturais". Graduada em Letras (Espanhol) pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE/2023), integrante do grupo de pesquisa SUTRA - Subalternidades, Transculturalidades e Perspectivas Decoloniais (UFPE). Experiência em Letras, com ênfase em Teoria Pós-colonial, Estudos Culturais e Decoloniais, atuando também nos Estudos Comparados de Literaturas Latino-americana, nas relações entre literatura e história, literatura e memória, literatura e outras formas do saber. E-mail: [rayannesoespaz@gmail.com](mailto:rayannesoespaz@gmail.com)

Durante as leituras de *Cachorro Velho* (2010), a questão imediata gira em torno de: é ficção ou história? Marilene Weinhardt em *Ficção e História*: retomada de um antigo diálogo (2002) argumenta que “os estudiosos da literatura tentaram estabelecer uma estrutura que lhes permitisse operar com a objetividade que observaram no estudo da história, da antropologia e das ciências sociais” (Weinhardt, 2002, p. 106). Em seu estudo, a autora chama a atenção para as teorias de Roland Barthes ([1988] 2004), nas quais explora a natureza da representação, interpretação e construção de sentido em vários contextos, incluindo ficção e história. Na ocasião, o autor argumentou contra aqueles que resistiram à confluência do histórico com o imaginativo.

O romance de ficção infantojuvenil originalmente intitulada *Perro Viejo* (2005), publicada no Brasil com o título *Cachorro Velho* em 2010 pela editora Pallas com a tradução de Joana Angélica D’Avila Melo, é uma obra que se trata de um dos episódios mais brutais da história da humanidade: a escravidão. Ao dar voz àqueles que foram silenciados pela história, Cárdenas se estabelece como uma das mais importantes vozes afro-caribenhas da literatura latino-americana contemporânea, conquistando um espaço significativo no mercado editorial. Em *Cachorro Velho*, obra reconhecida com o prêmio “Casa de las Américas”, no mesmo ano da publicação original, Cárdenas aborda principalmente o processo histórico de construção, busca e recuperação da identidade.

A obra é composta por vinte e três (23) pequenos capítulos que seguem o fluxo de pensamento do personagem principal, Cachorro Velho, que, na ficção, se torna testemunho vivo da história da escravidão. A narrativa provoca no leitor uma reflexão crítica sobre o processo de construção, busca e recuperação de uma identidade violentamente tomada, revelando a condição daqueles que foram escravizados e que, para os personagens e seus descendentes, restam apenas as memórias e a imaginação como formas de lidar com a violência e o exílio impostos pelo sistema escravista. Observa-se que, essa reflexão crítica está fundamentada na teoria educacional denominada pedagogia crítica de Paulo Freire, na qual “a conscientização não pode existir fora do ‘práxis’, ou melhor, sem o ato ação – reflexão” (Freire, 1979, p.15).

Assim como a proposta de uma educação mais reflexiva conforme proposta por Freire, José Martí também acreditava que uma compreensão profunda da história era essencial para o desenvolvimento e a emancipação de um povo: “*resolver el problema*

*después de conocer sus elementos, es más fácil que resolver el problema sin conocerlos [...] conocer el país, y gobernarlo conforme al conocimiento, es el único modo de librarlos de tiranías*” (Martí, [1891] 2011, p. 20). Sua visão progressista e seu compromisso com a emancipação e o desenvolvimento de Cuba teve um impacto duradouro no sistema educacional do país e na literatura em toda a América Latina.

José Martí foi reconhecido por sua capacidade discursiva e pelo uso de uma linguagem mais poética e livre, mas sem perder a riqueza da escrita, ou seja, escreveu de forma mais poética, mas que toda a população pudesse entender, muito semelhante à proposta de escrita de Cárdenas. Martí, dedicando-se inclusive às crianças, como exemplo da obra *La Edad de Oro* (1889), dedicou a obra às crianças por acreditar que a infância é a raiz da árvore do homem e “*la esperanza del mundo*”. Trata-se de narrativas didáticas, uma literatura com várias histórias coletadas, mas que inicialmente é concedida em jornais, semelhantes aos folhetins que em princípio não eram considerados literatura, mas sim textos jornalísticos. Por meio da revista educativa, Martí desperta nos jovens o sentimento latino-americano e democrático e os critérios de moralidade, além do conhecimento da história local.

Através do livro *Las corrientes literarias en Hispanoamérica*, o escritor, ensaísta e crítico literário Pedro Henríquez Ureña ([1945] 2014) no capítulo “Literatura Pura [1890-1920]” aborda diretamente a importância de Martí neste aspecto. Na obra, Ureña traça um panorama das principais correntes literárias que surgiram na América Latina desde a época da conquista até o início do século XX. Aborda temas como a influência da cultura europeia, a relação entre literatura e história, que é uma das propostas da visão educacional de Martí e, claro, de Cárdenas, e as especificidades da literatura produzida na América Latina.

O livro de Ureña é considerado uma das obras mais importantes da crítica literária latino-americana e foi um dos primeiros a analisar a literatura latino-americana a partir de uma perspectiva própria e independente, não subordinada à tradição literária europeia, crítica cultural que pode ser observada nas obras de Cárdenas. Além disso, o livro também é importante por ter sido escrito em um momento em que a identidade cultural latino-americana começava a ser valorizada e reivindicada, o que ajudou a promover o surgimento de um movimento cultural latino-americano autônomo, até chegar às produções literárias atuais para um olhar decolonial.

Em consonância, de acordo com o crítico literário Antonio Candido (2017, p. 177), “a literatura tem sido um poderoso instrumento de instrução e educação, fazendo

parte dos currículos e sendo proposta a cada indivíduo como equipamento intelectual e afetivo”. Nessa perspectiva, a obra literária de Cárdenas desempenha um papel importante e de resistência na compreensão da história da escravidão nas Américas, especialmente em Cuba. Em outras palavras, os escritos de Cárdenas representam uma importante ferramenta interdisciplinar para fins educacionais, nas esferas histórica, política, antropológica e social, não apenas pelo tema da escravidão nas Américas, mas também por seu caráter decolonial de pensar além das palavras. Sendo, portanto, conforme Cândido (2017, p. 177) “um fator imprescindível para a humanização, reafirmando, portanto, a essência humana”.

Movimentos que buscam dar voz ao protagonismo afro-latino têm fortalecido a exploração desse tema na literatura contemporânea, “em toda a América e em outras partes do mundo, vozes subalternizadas começaram a ecoar” (Moreira, 2022, p. 157). São narrativas pós-coloniais e decoloniais que ocupam o centro do palco para expor a violência física e moral da escravidão que ainda está presente na sociedade do século XXI, como aponta Gomes (2019, p. 215), “o racismo nas Américas [...] é um dos mecanismos pelos quais a colonialidade e o colonialismo são exalados, presentes no imaginário e nas práticas sociais, culturais, políticas e epistemológicas brasileiras”. A obra *Cachorro Velho* se insere nessa perspectiva, uma vez que se mostra como uma ferramenta fundamental para combater essas estruturas opressoras e dar voz àqueles que foram silenciados. A história é contada a partir da perspectiva do colonizado.

A história da colonização das Américas, como aponta a historiadora Rebecca Scott em *Emancipação escrava em Cuba: a transição para o trabalho livre 1860 – 1899* (1991), foi marcada pela exploração institucionalizada da escravidão, na qual o trabalho forçado e não remunerado foi utilizado na produção de mercadorias comerciais como tabaco, algodão e açúcar, período mais cruel deste. De acordo com Aníbal Quijano (2000), a colonização estabeleceu um sistema duradouro que continua a perpetuar a opressão e a exploração, ou seja, as estruturas de poder e dominação que se estabeleceram durante o período colonial e que continuam a moldar as sociedades latino-americanas até hoje. Nesse sentido, o racismo estrutural é uma forma de expressão desse sistema duradouro enraizado na estrutura da sociedade.

Contudo, no que diz respeito à história e à ficção, *Cachorro Velho* é um tipo de narrativa em que desempenha um papel de importância primordial dentro do projeto literário contemporâneo. Por meio da recriação ficcional do passado, a ficção histórica

se revela como uma ferramenta educacional para a análise e exploração dos eventos que delinearão o período da escravidão. Ao mergulhar nas profundezas das narrativas ficcionais, o gênero alude a uma crítica sobre os registros históricos, ao mesmo tempo que promove uma compreensão das implicações socioculturais que permearam a escravidão e suas repercussões, nesse sentido,

Há em Cachorro Velho uma ruptura com o estereótipo propagado de que os escravizados não resistiram às atrocidades do sistema escravocrata. Nesse sentido, é interessante estimular o debate acerca dos estereótipos criados durante a escravidão para inferiorizar e dominar os escravizados [...] (Moreira, 2022, p. 146)

A ficção histórica, portanto, permite que a história seja mantida viva e multifacetada por meio de personagens. A inserção de protagonistas fictícios em contextos históricos não empobrece a estética literária, mas a enriquece. Essas narrativas que humanizam as experiências são de suma importância não apenas para consagrar a memória, mas também para desafiar representações estereotipadas, que muitas vezes caracterizam as narrativas históricas. Em *Cachorro Velho*, Cárdenas propõe uma reflexão sobre as estruturas de poder, os sistemas de opressão e suas ramificações contemporâneas, porque nos convida a pensar também sobre uma questão de identidade e construção latino-americana. Ao estabelecer conexões entre o passado e o presente, a obra é capaz de provocar reflexões sobre questões do universo afro-latino-americano e sobre a ancestralidade, que por muito tempo ficou encoberta pelo viés europeu.

### **A Escrita de Mulheres entre História e Ficção**

Já nas primeiras linhas do livro, temos o que seria a contradição entre a suavidade das mãos de uma mulher e a ideia estereotipada de que as mãos de um escravo devem ser ásperas devido ao trabalho físico e às condições difíceis: “Escura e sedosa. Talvez suave demais para a de uma escrava” (Cárdenas, 2010, p. 13).

A vasta produção literária escrita por mulheres negras, hoje, tem sido colocada em uma posição de grande importância para a descolonização da educação. Ao falar sobre as formas pelas quais as culturas africanas são desprezadas, Oyèrónké Oyèwùmí em *A invenção das mulheres*: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero (2021), cita o caso da homogeneização desenfreada

das culturas africanas como um dos motivos que motivaram seus escritos: “ a extinção das culturas africanas, um defeito importante de muitos estudos sobre a África, motiva meus esforços para não fazer um caso de generalização simplista sobre a África [...]” (Oyěwùmí, 2021, p. 21).

Embora Oyèrónké Oyěwùmí não se concentre diretamente no contexto latino-americano, sua obra é fundamental para compreender as interconexões globais entre as culturas africanas e suas diásporas, incluindo a América Latina. A história da África e da América Latina é indissociável, marcada pelo legado da escravidão, do tráfico transatlântico e das múltiplas formas de resistência que forjaram identidades afro-latino-americanas. Assim, as reflexões propostas por Oyěwùmí sobre a necessidade de romper com generalizações e de valorizar a pluralidade das culturas africanas são também pertinentes para o contexto latino-americano, pois permitem revisitar criticamente processos históricos e socioculturais que unem ambos os continentes e reconhecer as contribuições africanas na formação das sociedades latino-americanas.

A literatura escrita por mulheres na contemporaneidade, sobretudo mulheres negras, aborda entre muitas outras temáticas, o feminismo negro, porque é um tema que naturalmente está enraizadas em estratégias políticas que buscam questionar e superar as estruturas de poder. Sobre isso, María Lugones em *Rumo a um feminismo decolonial* (2011) propõe que “Descolonizar o gênero é necessariamente uma práxis. É decretar uma crítica da opressão de gênero racializada, colonial e capitalista heterossexualizada visando uma transformação vivida do social” (Lugones, 2011, p. 110). E diz ainda:

Conforme me desloco metodologicamente dos feminismos de mulheres de cor para um feminismo decolonial, penso sobre feminismo desde as bases e nelas, e desde a diferença colonial e nela, com uma forte ênfase no terreno, em uma intersubjetividade historicizada, encarnada (Lugones, 2011, p. 109).

Esse tipo de literatura envolve narrativas que exploram as experiências da negritude feminina e do feminismo, entrelaçando elementos de memórias ancestrais, tradições e culturas afro, além de incorporar reflexões sobre o passado histórico e as experiências vividas, tanto positivas quanto adversas, de mulheres negras (Silva, 2010, p. 92). Sobre isso, Cárdenas diz que sua literatura é dedicada sobretudo às meninas, considerando que elas são marcadas por uma forte opressão de, além da



cor da pele, o gênero: “*Escribo, entre tantas cosas, para ayudar, para acompañar a las niñas negras de hoy*” (Paz, 2022, p. 7).

Ao propor uma análise das representações do feminino nos romances históricos do pós-guerra em relação à “Mulher, saber e poder” e à “pedagogia do feminino”, a pesquisadora Imara Bemfica Mineiro (2023, p. 186) argumenta que “O processo de ficcionalização empreendido pelo romance é assim entendido como forma de ressignificar e reconfigurar a experiência marcada pelo signo da violência das décadas anteriores operando como uma sutura do tecido social [...]”. Esse entendimento se encaixa na ficção de Cárdenas quando consideramos o papel que as mulheres desempenham na obra. Em *Cachorro Velho*, emergem as figuras femininas centrais de Aroni e Beira, cujas essências se entrelaçam de maneiras essenciais para preservar a memória do escravo órfão, o Cachorro Velho, que abriga apenas pequenas lembranças e encontra a vitalidade do passado imortalizada por meio dessas duas mulheres.

A vasta produção literária de Teresa Cárdenas apresenta uma característica no que diz respeito à representação de figuras femininas em suas obras, sendo comum a imagem feminina representada pela imagem materna. Em *Cartas para a minha mãe* (1997), uma menina, que, como o Cachorro Velho, não tem nome, escreve cartas para sua falecida mãe. Enquanto *Mãe sereia* (2018), relata os acontecimentos ocorridos no navio que transportou escravos da África para o Novo Mundo. O livro tece uma trama que mistura realidade e imaginário, misturando elementos históricos com elementos ficcionais, em que, durante esse trajeto, as pessoas são acompanhadas por uma sereia ancestral que simboliza a presença de lemanjá como representação materna.

Ao explorar a imagem da mulher escravizada, a filósofa Angela Davis em *Mulheres, Raça e Classe* (2016), aponta para o tema da maternidade:

A exaltação ideológica da maternidade - tão popular no século XIX - não se estendia às escravas. Na verdade, aos olhos de seus proprietários, elas não eram realmente mães; eram apenas instrumentos que garantiam a ampliação da força de trabalho escrava. Elas eram ‘reprodutoras’ - animais cujo valor monetário podia ser calculado com precisão a partir de sua capacidade de se multiplicar. Uma vez que as escravas eram classificadas como ‘reprodutoras’, e não como ‘mães’, suas crianças poderiam ser vendidas e enviadas para longe como bezerros separados das suas vacas. Um ano após a interrupção do tráfico de populações africanas, um tribunal da Carolina do Sul decidiu que as escravas não tinham nenhum direito legal sobre suas filhas e seus filhos. Assim, de acordo com essa medida, as crianças poderiam ser vendidas e separadas das mães em qualquer idade (Davis, 2016, p. 19-20)

O tema da maternidade na literatura, aqui focado na produção literária de Cárdenas, também está relacionado a temas de violência, exploração, família, história, memória e identidade. As memórias da figura materna de Aroni, já falecida, e uma das personagens mais importantes da narrativa, são extremamente significativas na vida do Cachorro Velho, pois representam um elo com suas raízes africanas e com sua mãe, que lhe foi tirada pela escravidão “Para o Cachorro velho, a anciã era como um amuleto. Só porque ela vivia, a certeza de que sua mãe tinha realmente existido não o abandonava” (Cárdenas, 2010, p. 29). Por meio das histórias contadas por Aroni, o velho escravizado pode reviver momentos de sua infância e manter viva a memória de sua mãe. É interessante notar como a figura de Aroni é retratada como uma “feiticeira das palavras” e uma “bruxa dos devaneios”, evidenciando o entrelaçamento entre história e magia, comum às suas obras.

Uma das formas de violência sofridas pelos escravizados era o estupro de mulheres negras, que eram submetidas a essa condição ainda dentro dos navios que as levavam para as Américas, “ali, elas estavam vulneráveis ao assédio e ao estupro por parte dos oficiais e marinheiros, sem ninguém que pudesse defendê-las” (Gomes, 2019). Essa triste realidade também é mencionada no livro de Cárdenas durante um pensamento do Velho: “Pobre Aroni. Mãe dos contos, mulher de ventre murcho. Quando jovem, havia tomado uma porção para abortar o filho que um feitor deixara à força em suas entranhas [...] secou-a pra sempre” (Cárdenas, 2010, p. 29). Passagem forte que mostra a literatura como um instrumento para expor fatos históricos e sobre os direitos humanos, especialmente os das mulheres, afinal, “Uma sociedade justa pressupõe o respeito dos direitos humanos, e a fruição da arte e da literatura em todas as modalidades e em todos os níveis é um direito inalienável” (Candido, 2017, p. 193).

Historicamente, a desumanização foi utilizada como estratégia de poder para manter o controle sobre dos povos colonizados e garantir um sistema de opressão, ou seja, “Os povos indígenas das Américas e os/as africanos/as escravizados/as eram classificados/as como espécies não humanas – como animais, incontrolavelmente sexuais e selvagens.” (Lugones, 2011, p. 106). Em *Cachorro Velho*, o direito ao nome está relacionado a essa questão de desumanização e marginalização.

A característica mais emblemática do romance é, sem dúvida, o nome dado ao personagem, “Cachorro Velho”. No capítulo intitulado “O Nome”, a autora não revela o nome real da personagem por uma questão alegórica, em que o aspecto figurativo gira em torno da falta de pertencimento, ou seja, a perda de identidade que foi



violentamente tirada com a diáspora africana, bem como o tema da memória, “O pai do senhor do engenho foi quem o chamou assim: Cachorro velho, e ninguém mais voltou a lembrar do seu verdadeiro nome” (Cárdenas, 2010, p. 67). Poucos dias depois de ele nascer, sua mãe voltou a trabalhar cortando cana e desmontando, e desde então ele nunca mais voltou para os braços dela, então todas as mulheres que se aproximavam dele os cheiravam “buscando o aroma perdido” (Cárdenas, 2010, p. 68). Por causa desse fato, ele recebeu o nome de Cachorro velho:

O pai do senhor do engenho achou engraçado ver o bebê farejando todo mundo. Dizia que isso lhe recordava os sabujos quando tinham fome, ou quando corriam inquietos para o mato, perseguindo algum escravo fugitivo. Por isso dera a ele aquele apelido” (Cárdenas, 2010, p. 68).

O menino foi privado de seu nome de nascimento dado por sua mãe e forçado a ter o nome imposto por seus “donos”. Essa prática teve várias implicações, como a perda da identidade pessoal, já que o nome de nascimento muitas vezes carregava consigo um significado cultural, representando sua ligação com sua ancestralidade e história. A substituição de nomes de nascimento também pode ser caracterizada como desumanização, a fim de reduzir a existência da pessoa a um objeto. Também implica controle e dominação como forma de reforçar a hierarquia de poder. Nesse caso, o que se expressa na narrativa é que a vida do Cachorro Velho é apenas a de um escravo e nada mais, “Cachorro velho tivera dois nomes: um, dado pelo antigo vigário; outro, por sua mãe. O do padre foi Eusebio; o dela, um nome africano do qual nem sequer Aroni se lembrava” (Cárdenas, 2010, p. 67).

No contexto da fuga de pessoas escravizadas, uma menina de pele clara chega à Beira em busca de refúgio, conforme descrito: “Uma garotinha, Aísa, de rosto abatido e coberta de fuligem [...] Sua pele clara e os cabelos curtos e revoltos como ninho de pássaros, tinha farelo de milho e folhas de árvore” (Cárdenas, 2010, p. 82). A personagem relata que seu pai fugiu pelas montanhas, enquanto sua mãe morreu durante um parto difícil: “o neném veio ao contrário e não conseguiram tirar ele da barriga dela [...] Era filho do patrão” (Cárdenas, 2010, p. 85-86), mais uma vez mostrando a imagem materna e a violência que eram submetidas às mulheres escravizadas.

Encontrando a menina Aísa em estado de quase morte e com Beira lutando por suas vidas, Cachorro Velho teve pena da situação e tentou defendê-los, apesar de

não saber muito sobre a vida de Beira e suas dores pessoais. Ele entendeu o sofrimento da mulher pela menina e se emocionou com suas lágrimas, que simbolizavam uma jornada que começou há muito tempo (Cárdenas, 2010, p. 79). Além disso, Cachorro Velho sentiu o desejo de abraçá-la e acolhê-la, sentiu um carinho que não estava acostumado a sentir. Durante toda a sua vida, ele esteve sem esperanças devido a sua condição de sofrimento e não pôde experimentar um sentimento de amor, exceto por Assunção, uma mulher que despertou uma chama de esperança de amor no velho. No entanto, ajudar a pequena fugitiva em sua idade avançada foi mais significativo do que o esperado e o fez sentir afeto novamente.

Recordou a memória de todos os cuidados que a Beira lhe ofereceu durante sua vida na fazenda, desde os cafés até os cuidados medicinais, e até mesmo dos momentos de silêncio que considerava aconchegantes (Cárdenas, 2010, p. 132-133). O Velho então percebeu que seu coração estava sempre presente, apesar de ter sido enganado em relação aos seus próprios sentimentos. Ele sabia, naquele momento, que amava aquela mulher, mas sua mente confusa não lhe permitia perceber nada além da desolação em sua vida. O que se entende é que essa figura feminina na obra foi quem lhe deu um sentimento mais humano.

Durante uma tentativa de fuga – essa bem sucedida para El Colibrí -, cerca de vinte escravos, incluindo os amigos Cumbá, Súyere, El negro, Carlota, Keta, Agustín, Bienvenido, Casimiro, Boniato, José Marufina, Coco Carabalí, Beira, Perro Viejo e Malongo carregando Aísa, se uniram para fazer a difícil jornada, na qual, dadas as suas condições, parecia quase impossível sobreviver: “não somente a fuga era arriscada. A sobrevivência no monte também implicava perigos” (Cárdenas, 2010, p. 135). Embora esperasse que mais escravos se juntassem ao grupo dispostos a fugir, Cachorro velho entendeu a razão pela qual muitos temiam e nunca se arriscaram a tentar escapar:

Ruim ou bom, o engenho tinha sido o seu mundo. A terra que ele cultivava, os canaviais, os bichos, o açoite do feitor, o desprezo do senhor, os amigos do barracão eram as únicas coisas que o tinham acompanhado desde seu nascimento (Cárdenas, 2010, p. 134).

O Velho, exausto de ter percorrido uma longa distância na fuga, ouviu um som vindo da fazenda, que era o senhor alertando as fazendas vizinhos sobre a fuga dos escravos, com o objetivo de tentar recapturá-los. Já em seu limite devido à idade

avançada, o velho parou abruptamente e, depois de dar apenas alguns passos, caiu exausto no chão (Cárdenas, 2010, p. 139). Naquele momento, teve sua última conversa com Beira, que, embora desfigurado pela exaustão e suada, parecia lindo como sempre aos olhos do velho (Cárdenas, 2010, p. 140).

Depois de um último diálogo emocionante e muitas tentativas de Beira de fazer o Velho seguir em frente, ela percebeu que ele já havia atingido seu limite. Beira abraçou o Velho segurando o rosto dele entre as mãos, e disse: “Espero o senhor lá, velho!” Ele respondeu com um sorriso: “- não se preocupe, Beira, eu irei vivo ou morto” (Cárdenas, 2010, p. 140). ilustrando a dura realidade enfrentada pelos escravos em suas tentativas de fuga, que muitas vezes envolvem riscos e perigos extremos e até mesmo a possibilidade de morte. Entende-se o momento da representação da morte com o velho chegando a El Colibrí, onde tanto almejava alcançar na vida, está aí a poética sensível da literatura sem ser rebaixada pelo tom histórico:

Quando a névoa engoliu o corpo de beira, Cachorro Velho voltou a desabar no solo. Bufando contra a poeira, lembrou-se da mãe. O rosto lhe chegou de imediato, sem avisar. Soube que era ela pelos olhos. Pela forma da face escura. Pelos seios abundantes, ainda cheios daquele odor que, quando criança, ele buscava em outras mulheres só para reencontra-la. [...] – Qual é o meu nome? – perguntou à aparição que enchia sua mente. E viu-lhe os lábios grossos se moverem, mas não escutou nenhum som. Os latidos dos cães cobriram a trilha. Lentamente, a alma do porteiro se levantou no ar e, vislumbrando El Colibrí, entrou na floresta (Cárdenas, 2010, p. 141).

A ligação entre Aroni e Beira representa um afeto maternal e amoroso, e se desdobra como o fio condutor que preserva a história, mesmo que imaginada, e preserva ainda a ancestralidade do Velho escravizado. Embora ele seja uma figura masculina central na obra, é a memória, impulsionada pelas mulheres, que o mantém entrelaçado com a África. A relação entre Aroni, Beira, Assunção e Aísa transcende o vínculo do sentimento de afeto em seus corações, tornando-se a própria essência. Embora a obra gire em torno de um protagonista masculino, é a memória que o mantém unido à África, o anseio por seu retorno latente, animando seu desejo com vida renovada mesmo após a morte.

### ***Más allá del camino: Múltiplas reflexões a partir de Perro Viejo***

O livro apresenta uma narrativa detalhada sobre a história da escravidão, na qual a escolha técnica da escritora foi usar a memória como ponto central. Através

das lembranças fragmentada do personagem, que, devido à sua idade e condições de vida, não se lembra de nada, a história se desenvolve gradativamente. Quando questionado sobre o sabor do café que bebeu, o personagem reflete: “cheiroso, amargo, de montanha, silvestre, livre...”, mas logo em seguida para e questiona: “Café de montanha? [...] De que montanha?” (Cárdenas, 2010, p. 8). Esse momento de lembrança do cheiro de café representa a dificuldade que o personagem tem em lembrar com clareza.

Cachorro Velho nunca havia saído do engenho de açúcar durante seus 70 anos de e nem se lembrava da época em que viveu antes daquele lugar. A técnica utilizada pela autora permite ao leitor vivenciar diferentes sensações e elementos, considerada um exemplo de sinestesia na literatura, onde uma sensação é atribuída a um objeto ou ação que não a possui em si. Nesse caso, associa características visuais, como “montanha”, e sensoriais, como “cheiroso” e “amargo”, ao sabor do café.

Na reflexão do velho escravizado, ele relembrou uma conversa que teve com outros homens no barracão do engenho de cana açúcar, onde viviam os escravizados, “em sua longa vida tinha aprendido a não esperar demais do outro mundo, onde se supunha que habitassem os deuses e os espíritos dos antepassados” (Cárdenas, 2010, p. 12). Em uma de suas reflexões, ele expressou sua crença de que tudo o que acontece na terra, seja bom ou ruim, é resultado das ações dos homens e de mais ninguém (Cárdenas, 2010, p. 12).

O que se entende nessa passagem é que se trata de um relato de um homem que desconhecia sua ancestralidade religiosa ou uma crítica cultural da própria aurora pelo fato da pouca abordagem sobre religiosidade ancestral africana na literatura? Podemos dizer que é os dois, pois a literatura de Cárdenas se situa como literatura de crítica social, “na qual pensamos quase exclusivamente quando se trata de uma realidade tão política e humanitária quanto a dos direitos humanos, que partem de uma análise do universo social e procuram retificar as suas iniquidades”, explica Candido (2017, p. 183).

No capítulo “Além do Caminho”, Cárdenas retrata algumas mortes que marcaram profundamente o antigo personagem. O primeiro deles foi o da criança Nsasi, “[...] O menininho de cinco anos atingido por um tiro escapado do rifle do senhorzinho quando este limpava a arma”. “[...] a senhora mandou que dessem uma túnica nova à mãe do menininho para que ela parasse de gritar” (Cárdenas, 2010 p. 17). Outra lembrança foi a história do Congo Tumba Cerrada, um homem de quase

cem anos que, embora já enfraquecido fisicamente, ainda resistia “então o senhor mandou que o tirassem do barracão e não lhe dessem mais comida, para ver se ele acabava de morrer” (Cárdenas, 2010, p. 18).

No entanto, Tumba sobreviveu por mais cinco anos, graças aos frutos do jambo-rosa e à ajuda de amigos que secretamente lhe ofereceram comida. Sua morte trágica, encontrado pendurado em uma árvore no fundo do engenho de açúcar, gerou ainda mais perturbação no velho, que acreditava estar testemunhando uma cena de crime “Tumba não podia se pendurar sozinho numa árvore tão alta” (Cárdenas, 2010, p. 18-19). Foram os seus primeiros instantes de consciência da brutalidade que era a escravidão.

Ao longo da história, muitos movimentos de conscientização sobre a violência contra a população negra foram promovidos com o objetivo de chamar a atenção para um descuido que, historicamente, afetou o direito à vida, onde as pessoas são descartadas a partir de uma necropolítica, conceito do Achille Mbembe (2018). Apesar do teórico não se limitar a questão da América Latina, seu conceito propõe pensar também a partir das experiências de pessoas negras, na qual pode ser direcionada para a realidade da América Latina, cultura formada principalmente através do tráfico transatlântico. Essa lógica é baseada na exclusão e se baseia em critérios de classe social e cor que determinam quem pode ser descartado ou protegido, no contexto da escravidão podemos chamar essa prática de genocídio colonial. Dessa forma, a literatura de Teresa Cárdenas se insere na perspectiva decolonial, que é também um questionamento à essas práticas de opressão, escrita não na visão do Outro. De acordo com Maldonado-Torres (2018, p. 36) “[...] a decolonialidade refere-se à luta contra a lógica da colonialidade e seus efeitos materiais, epistêmicos e simbólicos”.

É importante notar que, referindo-se a necropolítica ou ao genocídio colonial, o problema não se limita ao ato de matar, mas envolve a criação de condições propícias para que isso ocorra. A falta de acesso à saúde, educação, moradia e segurança contribui para a vulnerabilidade e a violência das populações mais pobres e marginalizadas. As memórias do velho retratadas no livro ilustram o desprezo da inteligência pela vida negra, banalizando a morte de uma criança negra e criando condições para a morte de um velho escravizado, “Os escravos sabiam que o patrão era o dono de suas vidas, seu senhor, aquele que decidia se eles mereciam viver ou não [...]” e “O patrão deliberava sobre tudo o que se relacionasse às suas vidas e mortes [...]” (Cárdenas, 2010, p. 22).

Um escravo era apenas um pedaço de carne malcheirosa e mais nada. Um negro era uma besta de carga, um bicho, um bruto, um ladrão, uma alimária, um saco de carvão... Apenas uma peça. Um senhor e um negro jamais poderiam ser iguais. Cachorro velho sabia disso. Os negros nunca dariam chicotadas em uma criança que tivesse apenas apanhando um pedaço de pão. Ele nunca tinha visto Cumbá matar outro homem de pancada, nem Beira Cortar a orelha de alguém, nem Malongo estuprar uma mocinha... Todas aquelas atrocidades tinham vindo sempre dos brancos do engenho ou do feitor (Cárdenas, 2010, p. 23).

Diante disso, o velho acreditava que as condições desumanas a que os negros estavam expostos eram de responsabilidade exclusiva do homem, e não sobrenaturais: “o velho não temia o Inferno: tinha vivido nele desde sempre” (Cárdenas, 2010, p. 15). Essas reflexões mostram que o problema da violência e da exclusão social é resultado de uma estrutura política, social e econômica que perpetua a desigualdade e a marginalização das populações. Para ele, a morte poderia ser uma forma de se libertar, de encontrar sua origem:

[...] Outras vezes contemplava sua alma, seu espírito, ou seja, lá o que fosse fluando além da cancela e do renque de embaúbas, perdendo-se de vista no caminho poeirento pelo qual, seguramente, se chegava a uma vida menos dura do que a dele. Ou, talvez, por ali não se fosse para o Céu, nem para o inferno, mas diretamente para a África, a terra de selvas e planícies onde sua mãe nascera” (Cárdenas, 2010, p. 16).

Além disso, é possível perceber como a religiosidade também está presente nas memórias do Velho, pois ele se lembrava de como o vigário André o considerava um bom aluno de catecismo. Contudo, é importante lembrar que a religiosidade dos personagens negros escravizados muitas vezes era sincronizada com elementos das religiões africanas, pois lhes era negado o direito de praticar livremente sua fé.

As religiões de matriz africana desempenham um papel importante na construção da identidade cultural nos países latino-americanos. Na obra, se encontra várias informações sobre as religiões dos escravizados: “sacrificavam galos e patos entre as raízes da sumaúma. Era o tributo a Iroko, a árvore centenária na qual descansavam as almas dos escravos assassinados no engenho” (Cárdenas, 2010, p. 107). Em outro momento, Cárdenas menciona danças da cultura afro, como o garabato, a macuta e o amendoim, entre outras, “Tempos antes, o porteiro havia escutado Eulogio Malembe dizer que Añá era um espírito que vivia dentro do tambor. Pelo som deste, Añá ‘falava’” (Cárdenas, 2010, p. 108).



O capítulo “Antes” narra a trajetória da “vida” do Velho como escravizado, desde a infância até a velhice, mostrando todos os trabalhos que teve que realizar ao longo dos anos. Devido a essa realidade de ter que trabalhar constantemente, ele acredita que sua condição de escravidão começou ainda no ventre de sua mãe: “Já era escravo desde então” (Cárdenas, 2010, p. 32). Refletir sobre esse capítulo é fundamental, principalmente quando pensamos no trabalho escravo contemporâneo, que pode assumir diversas formas, como o trabalho forçado ou aquele realizado em condições degradantes, capítulo essencial para a construção do pensamento crítico e humanitário:

O processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos à natureza, à sociedade e ao semelhante” (Candido, 2017, p. 182)

A narrativa apresenta uma profunda reflexão sobre as consequências psicológicas da escravidão, mostrando a dificuldade da personagem em vivenciar sentimentos afetivos, particularmente o amor, que era proibido aos escravizados construir famílias (Scott, 1991, p. 34). A falta de oportunidades para viver experiências afetivas levou-o a questionar sua própria capacidade de amar, destacando a gravidade dos efeitos psicológicos da escravidão. Por exemplo, o encontro com o personagem de Assunção, já mencionada no capítulo anterior desse artigo.

Outra questão é a do medo do desconhecido e da possível violência que poderia enfrentar se tentasse fugir. Em uma passagem do livro, ao tentar pegar seu chapéu que foi levado pelo vento, ele se afasta da área onde poderia circular na casa do engenho e pensa brevemente em escapar, mas acaba desistindo por medo. Esse fragmento da narrativa mostra como a escravidão era uma condição que privava os indivíduos de sua liberdade e autonomia, transformando-os em prisioneiros de seus próprios corpos, “Não era dono de seus passos nem de seu caminho. Nem sequer lhe pertenciam os ossos que tremiam” (Cárdenas, 2010, p. 48).

Naquela mesma noite em que o pensamento de fuga passou por sua mente, ocorreu a distribuição de roupas aos escravos. Quando voltou para seus aposentos, o velho pensou em que roupas poderia receber: “talvez lhe dessem um paletó ou um

corte de pano cru para se cobrir. Com frequência acordava no meio da noite tremendo de frio” (Cárdenas, 2010, p. 45). Na narrativa, Cárdenas descreve a distribuição anual de roupas aos escravos, que tinham poucos direitos e luxos. Naquela ocasião, não sobraram pedaços para o Velho, e ao questionar o capataz sobre sua culpa, foi punido com um golpe no rosto. A ferida profunda foi tratada por Beira, e alguns amigos se juntaram para fornecer um pacote com itens úteis. Entre as roupas estava um cobertor desbotado e trapos rasgados (Cárdenas, 2010, p. 55).

O que foi descrito por Cárdenas representa uma das várias formas de privação e opressão a que foram submetidos. Além de ser uma necessidade básica de sobrevivência, a falta de roupas adequadas pode levar à exposição a condições climáticas adversas, como o frio, aumentando o risco de doenças e debilitação física. A escassez de roupas pode ser vista como reflexo da falta de humanização, eram tratados como propriedade e não como seres humanos com dignidade e direitos.

A obra também aborda, entre tantos temas, o trabalho escravo infantil. Entre os amigos que o ajudaram com seu ferimento estava um menino de aproximadamente oito ou nove anos de idade, chamado Súyere. Este menino estava encarregado de lhe entregar o chapéu perdido. Ao observar os pés da criança, constatou que eles estavam cobertos de feridas, “[...] – fui preparar o banho do senhorzinho e a jarra de água quase caiu” (Cárdenas, 2010, p. 57-58), disse o menino. Percebe-se que a banalização do sofrimento humano e a mercantilização da vida eram práticas recorrentes no sistema escravocrata, como a própria criança que foi adquirida como forma de presente, “O patrão o comprara no verão anterior, para dá-lo ao senhorzinho como presente de aniversário” (Cárdenas, 2010, p. 59).

Como pode ser percebido pela multiplicidade de significados, a autora optou por abordar, em cada capítulo, um tema específico relacionado à escravidão, como a cultura afro-latina e à relação dos escravizados com a natureza. No capítulo intitulado “Árvores, plantas e flores”, Cárdenas destaca o uso de várias plantas medicinais pelos escravizados em diferentes situações. Um exemplo é a embaúba, que era usada para tratar resfriados e resfriados pulmonares. Nesse contexto, a narrativa também menciona outras árvores, como *Flamboyants*, *Majáguas*, *Gameleiras* e *Mutambas*, que foram frequentemente associadas a cenas de suicídio de escravos enforcados (Cárdenas, 2010, p. 62).

As plantas medicinais usadas pelos escravizados são heranças da vinda dos escravizados de vários países africanos, usadas como forma de sobrevivência e

resistência à condição de escravidão. Diversos usos das plantas medicinais mencionados no livro são:

Os escravos utilizavam ervas com frequência. Para remédio do corpo e da alma. Com a Artemísia, acalmavam suas dores e febres. O sumo da erva-de-santa-maria servia para afugentar as lombrigas da barriga das crianças. Com a resina do cupaí, cicatrizavam-se as feridas produzidas pelas chicotadas. O cozimento da cuieira e guaco fazia as mulheres abortarem suas crias. O néctar do cipó-una acalmava as picadas de escorpiões e de outros bichos venenosos do campo. Com flores de açucena e dama-da-noite, Carlota esfregou a pele de uma escrava fugitiva e de seu filhinho e despistou o faro dos cães que os perseguiam. Com folhas de abieiro, lavaram o corpo de Eulogio Malembe antes de enterra-lo. Com uva-do-mato, enxaguavam os recém nascidos antes que eles fossem entregues à casa que servia de berçário. Com pau de quebra-osso, ervas bibona, cibianto e garcínia, algodão-da-praia, casearia, figueira venenosa e pimenta chinesa, os homens do barracão preparavam sortilégios contra alma do senhor, contra seu corpo e sua mente. Contra o feitor e seu látego. Contra os cães e seus caninos. Contra a vida de trabalhos e infelicidade que levavam no engenho (Cárdenas, 2010, p. 63-64).

Na história da escravidão, o suicídio é frequentemente lembrado, principalmente durante a formação de quilombos e nas tentativas de fuga. Essa situação também é abordada no livro de Cárdenas, “Cachorro velho não temia a morte. Já estava bem acostumado com ela. Tinha visto muitos escravos morrerem” (Cárdenas, 2010, p. 95). No livro, o suicídio é abordado em relação aos escravos da África, que, para muitos escravos nos barracões, eram um mistério quanto ao seu local de origem, principalmente porque pouco ou nada falavam com os outros escravizados, eram muitos idiomas desconhecidos “Nesse grupo eram frequentes os suicídios ou as mortes na tentativa de fugir polo mato” (Cárdenas, 2010, p. 74).

Houve muita resistência dos escravos a essa condição desumana, o velho nunca poderia esquecer o ato de resistência do seu amigo Ulundi. Como forma de punição, ele foi arrastado e pendurado morto para servir de lição para outros escravos que tentavam se libertar:

Quando o feitor pendurou o corpo de Ulundi numa algarobeira para que servisse ‘de lição’, Cachorro velho achou que ia enlouquecer. Durante semanas, ficou planejando como vingar a morte dele. Chorava ao ver os corvos e urubus se alimentarem do corpo do amigo (Cárdenas, 2010, p. 75).

Para evitar suicídios, pensando apenas no prejuízo financeiro que tal ato causaria aos senhores da fazenda, alguns objetos eram proibidos, como o uso de cintos, “aos escravos não era permitido usá-los, por temor de que se enforcassem com eles. Ou pior, que atacassem os senhores da casa-grande” (Cárdenas, 2010, p.

Conforme apontou Antonio Candido, a partir do desejo do autor de se expressar e se posicionar sobre os problemas, surge uma literatura comprometida que se baseia em posições éticas, políticas, religiosas ou simplesmente humanísticas (Candido, 2017, p. 183), a literatura que se entrelaça com a história tem esse propósito. De acordo com Laurentino Gomes (2019, p. 215), considerando o contexto social brasileiro, é possível identificar o protagonismo negro na denúncia do colonialismo e sua colonialidade, o que também se aplica ao contexto latino-americano, considerando os países que foram fragmentados pela colonização europeia.

Ele está no clamor das negras e dos negros cujas vozes ecoam contra a escravidão e no corpo dos que lutaram e ainda lutam pela nossa humanidade contra o racismo, as ditaduras, a pobreza, a violência racial e de gênero, a LGBTfobia, a violência religiosa, contra a hegemonia do padrão estético branco-europeu e o conhecimento eurocentrado (Gomes, 2019, p. 215).

Criar um imaginário que busque a identificação e reconstrução histórica significa o processo de descolonização do pensamento, ou seja, romper com as tradições estéticas artísticas. Como afirma Frantz Fanon, “o colonialismo é uma negação sistematizada do outro, uma decisão obstinada de recusar ao outro todo atributo de humanidade, obriga o povo dominado a perguntar-se constantemente: ‘Quem sou eu, na verdade?’” (Fanon, 1968, p. 212). Assim, a liberdade e o reconhecimento vão além da conquista da independência, sendo essencial ter um protagonismo na construção de narrativas que incluam histórias que foram ocultadas pelo colonialismo.

A necessidade da transformação existe em estado bruto, impetuoso e coativo, na consciência e na vida dos homens e mulheres: colonizados. Mas a eventualidade dessa mudança é igualmente vivida sob a forma de um futuro terrificante: na consciência de uma outra “espécie” de homens e mulheres: os colonos.

A descolonização jamais passa despercebida porque atinge o ser, modifica fundamentalmente o ser, transforma espectadores sobrecarregados de essencialidade em atores privilegiados, colhidos de: modo quase grandioso pela roda viva da história. Introduce no ser um ritmo próprio, transmitido por homens novos, uma nova linguagem, uma nova humanidade. A descolonização é, em verdade, criação de homens novos. Mas esta criação não recebe sua legitimidade de nenhum poder sobrenatural; a “coisa” colonizada se faz no processo mesmo da qual se liberta. (Fanon, 1968, p. 26-27).

Em outras palavras, para uma formação autêntica e integral, é essencial que a

sensibilidade seja uma dimensão transversal. Além disso, o compromisso dos escritores em expor e denunciar a miséria, a exploração econômica e a marginalização os torna agentes de uma luta implícita pelos direitos humanos conforme teoria de Cândido (2017, p. 188).

Todas as experiências narradas em cada capítulo levam o leitor a questionar as condições expostas sob o regime escravista. Ao mencionar as características tonais e rítmicas das línguas africanas trazidas para o Novo Mundo, além de características histórico-culturais como danças, músicas e crenças, Lélia González chama a atenção para o fato de que essas características são “encobertas pelo véu ideológico do branqueamento, é recalcado por classificações eurocêntricas do tipo ‘cultura popular’, ‘folclore nacional’ etc, que minimizam a importância da contribuição negra” (González, [1988] 2022, p. 70), com a literatura Cárdenas busca resgatar todo o conhecimento que foi privado.

### **Considerações Finais**

A ficção histórica escrita por mulheres, especialmente por autoras negras e latino-americanas, assume um papel central na reconstrução de memórias silenciadas e na denúncia das narrativas hegemônicas. Essa produção literária contribui para a descolonização do pensamento ao resgatar vozes marginalizadas, propondo novas perspectivas sobre a história e afirmando a identidade de sujeitos historicamente excluídos. Por meio da ficção, essas autoras criam narrativas que sensibilizam, educam e promovem o pensamento crítico, abrindo caminhos para o enfrentamento das desigualdades que persistem até hoje.

Nesse contexto, a obra de Teresa Cárdenas se destaca por sua abordagem ampla, que entrelaça memória, identidade e ancestralidade em narrativas marcadas por resistência e denúncia. Seus textos dialogam com a história e desafia o silenciamento além de propor uma leitura crítica do passado colonial. A partir de enredos que misturam história e imaginação, como em *Cachorro Velho*, Cárdenas mostra como a literatura pode ser mais do que a própria estética, uma ferramenta de formação de consciência.

### **Referências**

- Barthes, Roland. *O rumor da língua*. São Paulo: Martins Fontes, [1988] 2004.
- Candido, Antonio. *Vários escritos*. 6. ed., 1. reimpr. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2017.
- Cárdenas, Teresa. *Cachorro Velho*. Rio de Janeiro: Editora Pallas, 2010.
- Davis, Angela. *Mulheres, raça e classe*. Tradução: Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016.
- Fanon, Frantz. *Os condenados da Terra*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.
- Freire, Paulo. *Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire*. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.
- García, Joaquín Torres. *Universalismo constructivo*. Buenos Aires: Poseidón, 1944. Disponível em: <https://icaa.mfah.org/s/en/item/1245960#?c=&m=&s=&cv=&xywh=-1116%2C0%2C3930%2C2199> Acesso em: 24 abr. 2025.
- Gomes, Laurentino. *Escravidão – Vol. 1: do primeiro leilão de cativos em Portugal até a morte de Zumbi dos Palmares*. São Paulo: Globo Livros, 2019.
- Gonzalez, Lélia; Ortiz, María Camila. La categoría político-cultural de la amefricanidad. *Revista Epistemologías do Sul*, v. 6, n. 1, [1988] 2022.
- Lugones, María. Hacia un feminismo descolonial. *La Manzana de la Discordia*, v. 6, n. 2, p. 105-117, 2011.
- Maldonado-Torres, Nelson. Analítica da colonialidade e da decolonialidade: algumas dimensões básicas. In: Bernardino-Costa, Joaze et al. *Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico*. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2018. p. 27-53.
- Martí, José. *Nuestra América*. Brasília: Editora UnB, [1891] 2011.
- Mbembe, Achille. *Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte*. São Paulo: n-1 edições, 2018.
- Mineiro, Imara Bemfica. “Estallar el silencio”: figurações do feminino nos olhares sobre a história. *Aletria: Revista de Estudos de Literatura*, v. 33, n. 1, p. 182-205, 2023.
- Moreira, Rita Marques. Do plantio de cana de açúcar, colheu insubmissas palavras: proposta de aula e reflexão sobre Cachorro Velho, de Teresa Cárdenas. In: SILVA, Liliam Ramos da. *Diário da arte no país natal: reflexões sobre literatura e cultura de autoria negra na América Latina*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2022.
- Oyèwùmí, Oyèrónkẹ. *A invenção das mulheres: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.
- Paz, Rayanne Soares da. “Memória, identidade e resistência na literatura latino-americana”, entrevista com Teresa Cárdenas. *Mafuá*, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil, n. 38, 2022.



Quijano, Aníbal. Colonialidad del poder: Eurocentrismo y América Latina. In: Lander, Edgardo (org.). *La colonialidad del saber*. Eurocentrismo y ciencias sociales: perspectivas latinoamericanas. Buenos Aires: CLACSO, 2000. p. 201-246.

Scott, Rebecca J. *Emancipação escrava em Cuba: a transição para o trabalho livre 1860 – 1899*. Paz e Terra, 1991.

Silva, Ana Rita Santiago da. Da literatura negra à literatura afro-feminina. *Via Atlântica*, v. 1, n. 18, p. 91-102, 2010.

Ureña, Pedro Henríquez. *Las corrientes literarias en la América Hispánica*. México: Fondo de Cultura Económica, [1945] 2014.

Weinhardt, Marilene. Ficção e história: retomada de antigo diálogo. *Revista Letras*, n. 58, p. 105-120, 2002.